

Arqueologia



Museu



Conjunto  
Preservado



Solares



Arte Sacra  
Igrejas/Capelas



Fontes



Património  
Vernacular



Miradouro



Percurso  
Pedestre



Vinhos



Povoado do Castelo Velho de Trevões

Cupa romana

Sepultura medieval

Sarcófago medieval

Estela medieval

Troço de calçada histórica do Lugar da Relva

Troço de calçada histórica da Serra de Sampaio

O povoado do Castelo Velho de Trevões localiza-se na vertente oeste da Serra de Sampaio. O acesso a este local está condicionado em virtude da concentração de vegetação. Dominando um amplo território visual, teve ocupação no período do Calcolítico (III/II milénio a.c.) e na Idade do Bronze (II milénio a.c./século VIII a.c.), possuindo troço do seu recinto amuralhado. De salientar o espólio cerâmico de fabrico manual, machados de pedra polida e elementos de moinhos manual em granito, em exposição no Museu Eduardo Tavares em S. João da Pesqueira. É possível a sua visualização a partir do cume da Serra de Sampaio.

Com maior expressividade no território Sul da atual Península Ibérica, as *cupa* (tampa de sepultura em forma de pipo) simbolizam o ritual da morte realizado durante a época romana. Encontrada no sítio da Devesa em 1964, próximo do local da Barra, onde em 1761 foi encontrado “*meio alqueire de moedas romanas*” em cobre, poderá indicar a existência de uma necrópole romana nesta área, e com possível relacionamento ao assentamento romano do Pinheiro (nas proximidades destes locais). Peça esculpida num monólito de granito (século II/III), representando um pipo com 4 aduelas (duplas), em exposição no Museu de Arte Sacra.

Ao longo deste território existiu desde logo a necessidade de criar uma rede viária de vias de comunicação que permitiam a circulação de bens comerciais e pessoas, para além de desempenharem uma função militar e estratégica de domínio do território. Na encosta norte da Serra de Sampaio, existem dois troços de via, que servia de ligação entre o norte e a área sul do território. Estes troços de calçada lajeada com blocos de granito, são troços de uma via construída provavelmente durante o período romano, que serviria de ligação para Viseu e Coimbra. O primeiro troço tem cerca de 30 m de extensão e o segundo cerca de 800 m.

Do período da Idade Média, para além da construção do atual espaço religioso, a Igreja de Santa Marinha, subsistem elementos relacionados com o ritual da morte. No local do Pinheiro, em afloramento que serve de base a um atual pombal, encontra-se uma sepultura medieval escavada, antropomórfica (forma humana). No espaço urbano de Trevões, uma possível estela funerária medieval (cabeceira de sepultura discoidal, com espigão em granito e cruz de braços retos) inserida em muro de espaço habitacional e um sarcófago escavado em monólito de granito com bordos serpentiformes, estando em exposição no Museu de Arte Sacra.







Povoado do Castelo Velho de Trevões

Cupa romana

Sepultura medieval

Sarcófago medieval

Estela medieval

Troço de calçada histórica do Lugar da Relva

Troço de calçada histórica da Serra de Sampaio



Povoado do Castelo Velho de Trevões

Troço de calçada histórica da Serra de Sampaio

Troço de calçada histórica do Lugar da Relva



Cupa romana (Museu de Arte Sacra)



Sepultura medieval do Pinheiro



Sarcófago medieval (Museu de Arte Sacra)



Estela medieval ?





Museu de Trevões

Museu de Arte Sacra e Oficina da Cultura

Com o objetivo de guardar a memória desta povoação, transmitindo aos seus habitantes a continuidade e diversidade local, mostrando-lhes as suas raízes e tradições, a Associação Sócio Cultural de Trevões organizou uma estrutura museológica, onde se recriam espaços ligados à vida da freguesia. Albergando o mais variado tipo de peças, a exposição permanente visa dar a conhecer os costumes e modos de vida passados, tentando desta forma criar um elo entre as diferentes gerações. Instalado na antiga casa do ferreiro, o Museu de Trevões guarda as memórias e relíquias da vida dos seus antepassados.

Uma viagem no tempo que dá a conhecer a cultura, os modos de vida, as tradições e a história desta gente. Este espaço situa-se no Largo do Adro, área nobre do aglomerado urbano de Trevões, onde se localiza a Igreja de Santa Marinha, o edifício do antigo Paço Episcopal e outros edifícios do século XVIII, assim como o Museu de Arte Sacra e Oficina da Cultura.

Também nos pode visitar em [www.trevoes.net](http://www.trevoes.net)

O Museu de Arte Sacra e Oficina da Cultura, é um espaço de preservação e divulgação do património cultural de Trevões, centrado no domínio da Arte Sacra. Pretende-se também, criar outros espaços ligados à dinamização, ao desenvolvimento e à promoção cultural da população local, nomeadamente, através de um espaço multifuncional para colóquios/conferências ou pequenas representações e uma área multimédia. A área expositiva possui uma variedade de objetos destinados à liturgia e ao culto católico que abarcam um período entre os finais da Idade Média e o período contemporâneo.

Através da arte religiosa, Trevões propõe aos visitantes e locais, uma incursão pelo Património e História, fazendo sobressair valores inegavelmente destinados ao desenvolvimento regional, através do turismo e da educação. Este espaço pretende ser uma mais-valia local e regional como equipamento de cultura que se pretende na promoção do território de excelência que é, afinal, o Douro.

Também nos pode visitar em [www.trevoes.net](http://www.trevoes.net)

In Jornal Partilhar, Abril de 2010 e Dezembro de 2011



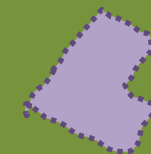


Museu de Trevões

Museu de Arte Sacra e Oficina da Cultura



Acesso pedonal  
(recomendado)



Museu de Trevões  
*Etnografia*



Museu de Arte  
Sacra e Oficina da  
Cultura



Largo do Adro





Rua da Restauração Rua dos Gatos Rua Fonte do Concelho Rua Visconde de Trevões Rua da Encarnação Rua do Notário  
Rua da Albergaria Praça Visconde Ló Ferreira Rua de S. Domingos Rua de Santo António Quelha da Pia Rua da Chã

Com uma história que demonstra a sua importância ao longo dos tempos, Trevões foi couto episcopal do Bispado de Lamego desde meados do século XII, com jurisdição renovada por vários monarcas, sendo durante vários séculos, território de disputa entre a Sé de Lamego e a Coroa.

O rei D. Dinis concedeu-lhe Carta de Feira Franca, tendo obtido Carta de Foral a 15 de Dezembro de 1512, atribuída pelo rei D. Manuel I, usufruindo ainda do direito a Misericórdia e Hospital.

Ao sabor das diferentes divisões administrativas, Trevões foi parte integrante de diversas comarcas ao longo

dos tempos, como Pinhel, Trancoso, Lamego, S. João da Pesqueira ou Tabuaço. Através das disposições produzidas pela Câmara de Trevões, pode-se compreender o *modus vivendi* das instituições e destas comunidades: em 1802, o concelho de Trevões, possuía curral, açougue, fornos públicos, fontes e terras; o relacionamento com os concelhos vizinhos... o arranjo da ponte que liga a Pesqueira a Trevões (1806); a existência de ensino em 1866 “...numa casa sobrada com sua varanda que servia de cadeia para os presos” (Casa de Câmara) e servia para aula do professor primário; ou a existência de serviços postais, que no ano de

1935 se situavam no rés do chão da antiga Casa de Câmara, espaço que ainda albergava uma sala para as reuniões da Junta de Freguesia e do Julgado de Paz. O concelho de Trevões viria a ser extinto a 24 de Outubro de 1855.

O património construído do aglomerado de Trevões é o resultado de gostos, estilos e épocas, em que se assistiu a uma prosperidade renovada nos séculos XVII e XVIII, embora com raízes nos séculos antecedentes.

Em muitos aglomerados de fundação medieval, sobressai o gosto da época barroca, em solares ou casas

nobres, nas igrejas paroquiais e nas capelas, nas fontes e nos cruzeiros, tendências arquitetónicas das quais o aglomerado de Trevões foi objecto desta valorização e renovação patrimonial. Esta prosperidade, e renovação, também incluíram conteúdos programáticos e decorativistas no interior dos edifícios, como seja no caso dos espaços religiosos, na riqueza dos seus interiores, onde as formas barrocas mais se destacam, com o esmero decorativo presente na imaginária e retábulos de talha dourada, contrastando, em alguns casos, com o exterior que apresenta soluções construtivas de grande simplicidade.





Rua da Restauração Rua dos Gatos Rua Fonte do Concelho Rua Visconde de Trevões Rua da Encarnação Rua do Notário  
Rua da Albergaria Praça Visconde Ló Ferreira Rua de S. Domingos Rua de Santo António Quelha da Pia Rua da Chã

Para além desta redefinição de espaços e renovação de conteúdos, Trevões tem outras referências patrimoniais que o definem como um todo; ao longo das suas artérias, é possível observar espaços, fragmentos e elementos patrimoniais de diversas épocas, marcas de períodos, onde as diversas comunidades que aqui se estabeleceram, construíram espaços habitacionais, religiosos e de produção.

Neste território agrícola, estas comunidades estabeleceram ao longo de vários séculos uma relação próxima com esse meio, construindo património vernacular, como suporte e fonte de rendimento económico. Nesta

íntima relação com o meio que o circunda, estas comunidades criaram imaterialidades expressas em percursos processionais, em hábitos, saberes e ritualidades que permaneceram ao longo dos tempos.

As diversas artérias que constituem o aglomerado, e através das suas designações e características físicas, transportam-nos para diversas épocas e momentos da História Local (e de Portugal), e para o dia-a-dia destas comunidades que vivenciaram estas mudanças, do qual resultou diverso património. Nesta viagem ao longo dos quotidianos, ritmos e rotinas, o simbolismo desses momentos encontra expressividade na designação de

algumas artérias, repercutindo-nos para a anterior existência de edifícios (Albergaria), de ofícios (Notário), períodos do municipalismo local (Fonte do Concelho), períodos da História de Portugal (Restauração), ou na sua fisionomia específica, onde subsistem pequenas artérias, cuja designação poderá supor anteriores comunidades nestes espaços (Gatos). A alegoria destes momentos e o seu perpetuar na memória, também é visível nas inúmeras datações presentes em alguns edifícios, para além de designações que nos remetem para edifícios de cariz religioso.

A marca do tempo está presente no percurso de Trevões, a sua configuração muito deve aos diversos ritmos da História, à abundância ou escassez de recursos financeiros, aos gostos das épocas, às mudanças institucionais... e ao seu relacionamento com os diversos poderes, sem esquecer, o território em que se insere, onde os ciclos agrários e festivos, proporcionam uma panóplia de saberes imateriais, fundamentais para o conhecimento de Trevões.







Solar dos Caiado Ferrão

Solar dos Almeida Coutinho

Solar do Dr. Caiado Ferrão

Casa de Maria Irene Fernandes

Solar dos Pintos

Paço Episcopal de Trevões

Casa dos Seixas

O Solar dos Caiado Ferrão é um edifício representativo dos estilos maneirista e barroco. As mais antigas referências que se conhecem, remontam a 1674, época em que terá sido edificada a parte mais antiga do conjunto. A reedificação setecentista, responsável pelo corpo seguinte e pela capela, datam da década de 1760, devendo-se a iniciativa destas obras a Francisco Xavier de Almeida Caiado Melo e Vasconcelos. Destaque para a Capela da Nossa Senhora da Conceição, onde persistem no seu interior pinturas murais com a figuração das 4 Virtudes, da autoria de Pasquale Parente. Classificado em 1970, como Imóvel de Interesse Público.

Saindo da atual praça, e descendo pela Rua da Restauração, surge o Solar do Dr. Caiado Ferrão. Este edifício do século XVII, de planta longitudinal, é constituído por três corpos, o primeiro dos quais com janelas gradeadas ritmado por pilastras. No corpo central destaca-se uma varanda alpendrada com colunas de granito. Finalmente, o último corpo do edifício apresenta o brasão da família sob empena circular, com concheados e flanqueado por varandins de ferro. No rés-do-chão, e estando na transição entre o aglomerado populacional e o espaço rural (na época), subsiste o lagar de azeite, com prensa de vara e fuso em madeira.

Situado na periferia da Igreja de Santa Marinha, o Solar dos Pintos foi objeto de intervenções que o alteraram substancialmente, sendo que atualmente está dividido em duas casas de habitação. Dos poucos traços que conserva, são de destacar as janelas em arco canopial ao gosto manuelino, que poderão reproduzir um gosto anterior e uma pequena varanda de acesso ao seu interior. Nas traseiras existe um pátio com diversas construções de apoio à agricultura.

Foi pertença dos Sarmentos, Viscondes de Moimenta da Beira.

O edifício do Paço Episcopal de Trevões foi edificado a partir de 1777 por iniciativa do então Bispo de Lamego, D. Manuel Vasconcelos Pereira, ao que tudo indica sobre um anterior edifício vinculado ao bispado. Solar neoclássico, que integra ainda elementos do rococó ao nível da decoração. A sul, e direcionado para o Adro da Igreja de Santa Marinha, um curioso óculo circular, que a tradição associou ao facto de os bispos só se deslocarem à igreja, para rezar missa, depois de, por esse óculo, se certificarem da afluência de paroquianos. Classificado em 2009, na categoria de Imóvel de Interesse Público.





Solar dos Caiado Ferrão (com capela)

Solar dos Almeida Coutinho

Solar do Dr. Caiado Ferrão

Casa Maria Irene Fernandes

Solar dos Pintos

Paço Episcopal de Trevões

Casa dos Seixas

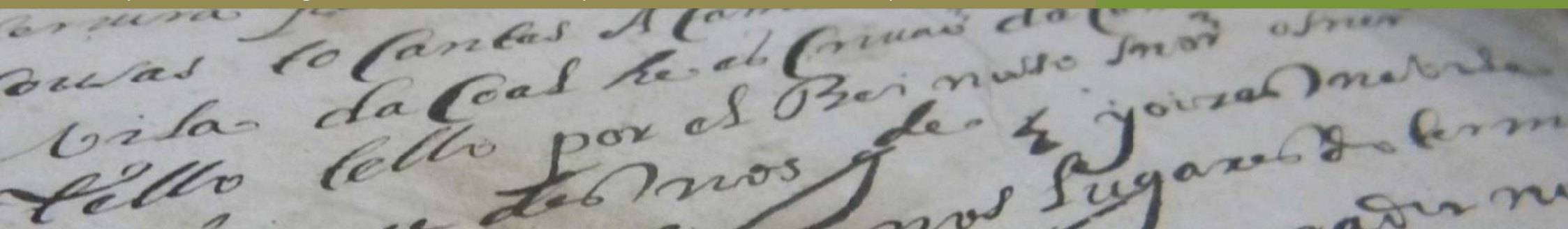
Também conhecida por Casa do Adro, o Solar dos Almeida Coutinho, situa-se junto da Igreja Matriz e do Paço Episcopal. Este edifício foi mandado erigir em 1605 por Baltasar de Almeida Camelo, e só deve ter sido concluído entre os séculos XVIII e XIX. Apesar da envolvente rural e agrícola (vinha, olival) e de possuir diversas estruturas de apoio e complemento à agricultura (nomeadamente, eira e pombal) esta casa apresenta características marcadamente habitacionais. Destaque ainda para as duas volutas centrais que sustentam o brasão com as armas dos Almeida, Coutinho e Camelo.

Saindo do Adro da Igreja de Santa Marinha, para sudoeste, encontra-se a Casa Maria Irene Fernandes (designação pela qual é conhecido este imóvel). Destaque para o seu alçado principal, com frontaria cénica (sem brasão ou perda de armas) onde sobressai varanda e colunata.

Este imóvel prima pela escala desta frontaria, que apesar de não ter qualquer elemento decorativista a complementá-la, permite um efeito/ilusão de um corpo avançado do edifício. Na entrada principal existe um pequeno átrio com diversas espécies arbóreas. Na periferia, localiza-se a Capela de Santa Bárbara.

No mesmo arruamento, a Casa dos Seixas apresenta um átrio empedrado, espaço de lazer, ladeado por duas colunatas onde subsiste decoração (brasão), e onde se desenvolve o corpo principal do imóvel. Presença de decorativismo gramático ao longo do seu alçado principal, destacando-se desde logo as janelas e portas de verga em arco abatido, com semelhanças ao antigo edifício da Casa da Câmara de S. João da Pesqueira.

Estes espaços comprovam a importância social, económica, religiosa e cultural do território de Trevões, com maior expressividade ao longo dos séculos XVII e XVIII, do qual resultou toda esta ambiência patrimonial.







Igreja de Santa Marinha

Capela de Santa Bárbara

Antiga Capela de Santo André

Antiga Capela de S. Domingos

Capela de Santo António

Capela de Nossa Senhora da Graça

Capela de S. Sebastião

Capela de Nossa Senhora da Piedade

A Igreja de Santa Marinha de Trevões, teve o início da sua construção no século XIII, quando a vila de Trevões também foi elevada a paróquia. Edifício de arquitetura religiosa românica e gótica, maneirista e barroca. Possui uma só nave, e capela-mor, mais baixa e estreita, onde atrás do retábulo principal em talha dourada, subsiste um conjunto de pinturas murais em *trompe l'oeil*, representando um tabernáculo com sacrário e a imagem de Santa Marinha. Ainda na capela-mor, sobressaem os tetos em caixotões e retábulos de talha dourada da época barroca. Destaque ainda para a Capela dos Melos, de linhas arquitetónicas maneiristas,

Edificada por volta de 1628, que alberga um retábulo e apresenta vestígios do primitivo túmulo dos seus fundadores. No exterior, pode-se visualizar a cachorrada que envolve o espaço da capela-mor, e no alçado principal um portal de arco quebrado, cujas arquivoltas assentam sobre capitéis vegetalistas estilizados. Do lado direito do templo, subsiste uma torre sineira construída no século XVIII.

Edifício localizado no atual Largo do Adro, circundado por edifícios solarengos e pela então residência de férias do Bispo de Lamego, o Paço Episcopal. Imóvel classificado em 1921, na categoria de Monumento Nacional.

Descendo, na direção oeste, para o Fundo da Vila, e junto de casario habitacional, encontra-se uma pequena capela de invocação a Santa Bárbara, culto muito enraizado por este território de cariz agrícola e que procura a proteção religiosa para as intempéries, nomeadamente as trovoadas. Geralmente edificadas em locais mais elevados e isolados, possui no seu exterior a data de 1686 e o desenho das palmas do martírio, às quais se associa a simbologia iconográfica de Santa Bárbara.

Pequeno templo de arquitetura simples, com arco de volta perfeita e uma pequena torre sineira.

Caminhando em direção à atual praça, espaço onde em 1845 existia uma Casa de Câmara, “situada no meio da praça, virada para nascente, que também servia de cadeia com “(...) grades na janela(...) era sobradada, telhado forrado, e na mesma instância se acha um piol de cantaria com seos combaleiros de ferro prezos (...)” e na qual se encontrava “(...) uma Santa em bronze novo (...)”, destaque para existência neste espaço de uma antiga capela de invocação a Santo André, desafeta ao culto desde finais do século XVIII, e da antiga capela de S. Domingos na rua com o mesmo nome, da qual subsistem alguns elementos arquitetónicos e religiosos.





Igreja de Santa Marinha

Capela de Santa Bárbara

Antiga Capela de Santo André

Antiga Capela de S. Domingos

Capela de Santo António

Capela de Nossa Senhora da Graça

Capela de S. Sebastião

Capela de Nossa Senhora da Piedade

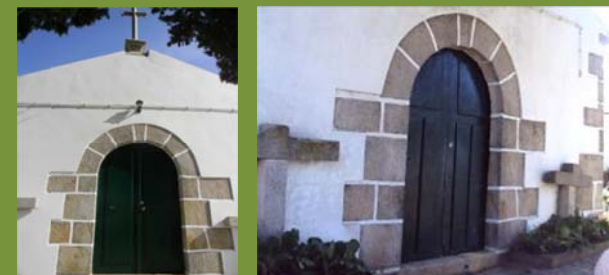
Subindo a Rua de S. Domingos, e caminhando para a Rua de Santo António... passando pelas alminhas que se encontram inseridas em parede de habitação (à esquerda), encontra-se sensivelmente no final desta artéria, e junto a uma fonte de mergulho com o mesmo nome, a Capela de Santo António. Templo religioso com portal de arco quebrado (do período do gótico tardio) e uma cruz sob peanha. A sineira colocada lateralmente, possui a data de 1597. No interior do imóvel existe um retábulo de madeira com as imagens do padroeiro do templo (Santo António), Santa Isabel e S. Domingos.

Continuando o nosso percurso, na direção este, para a periferia do aglomerado populacional, surge, a Capela de Nossa Senhora da Graça. Tem inscrita a data de 1773 na frontaria (ano da provável reedificação) sendo o portal ladeado por dois óculos quadrilobados.

No interior, e no espaço do altar, conserva a imagem da padroeira (Nossa Senhora da Graça) e S. Caetano, assim como um retábulo com as imagens de S. Gregório e Santa Eufémia. Atrás do altar, subsiste um arco em granito que poderá supor uma anterior fisionomia deste templo religioso.

Atravessando a atual praça, e caminhando pela Rua da Restauração, o nosso percurso segue para a direção norte do aglomerado, onde após uma ligeira subida, subsiste a Capela de S. Sebastião. Tradicionalmente referida como a primitiva matriz, situando-se na proximidade do antigo aglomerado (Devesa). Este pequeno templo possui um portal em arco quebrado decorado por pontas de diamante (final do século XV/início do século XVI), e poiais nas paredes laterais do corpo da capela. No interior, imagem do patrono em pedra calcária do século XVI (S. Sebastião) e púlpito em granito de 1611.

Caminhando para norte, em direção à Devesa, onde em 1807 se realizava “(...) o mercado deste concelho decorria na Devesa (...)”, passando por um cruzeiro e uma singela fonte com pedra de armas, em direção ao cemitério local, encontra-se a Capela de Nossa Senhora da Piedade. Data de inícios do século XVIII, sendo que a data de 1835 inscrita na frontaria, remete para a data de uma eventual reforma e transformação deste espaço. No interior, existe um retábulo em talha dourada e policromada *rocaille*, com as imagens de Cristo Crucificado, o Senhor da Cana Verde e S. João Evangelista.







Alminhas da Rua dos Gatos

Cruzeiro da Devesa

Alminhas do Curtinho

Alminhas da Rua de S. Domingos (I-II)

Alminhas da Rua de Santo António

Senhor da Boa Passagem

A superstição, o sentimentalismo religioso, a fé ou o conjunto de todos estes fatores, levaram a que as alminhas tenham surgido na beira das estradas e caminhos, nos cruzamentos e encruzilhadas, em ruas e na periferia de aglomerados populacionais, lembrando antigas travessias, percursos e hábitos processionais. Com prováveis reminiscências ao culto pagão da época romana, estes monumentos obtêm as mais variadas formas, escalas e material construtivo. Muitas vezes é o pedreiro local que executa estas obras, por vezes de forma simples, mas com o objectivo de perpetuar a memória daquele local ou espaço.

Algumas, como é o caso das alminhas em azulejo, existentes na Rua dos Gatos, apresentam a legenda P.N.AVE.MAR.▲ (Pai Nosso e Avé Maria) e a imagem do purgatório, existindo outros exemplos, em que se verificam imagens pintadas de santos ou passagens bíblicas a eles associados.

Relembrando antigos espaços e ritos devocionais, aparecem no aglomerado de Trevões, algumas alminhas em que se associa a sua atual localização, a anteriores espaços religiosos, como se verifica na Rua de S. Domingos e na Rua de Santo António, onde para além da Capela e Fonte de Santo António, subsiste a antiga travessia

para sul, em direção à Serra de Sampaio.

Os cruzeiros são o reflexo de uma religiosidade declarada, existindo alguns exemplares que revelam um gosto mais requintado e que se inspiram nos mais diversos modelos. Possuem certas afinidades com as alminhas, oratórios de madeira ou de pedra colocados nas povoações e áreas rurais para invocação das almas, que tinham uma estrutura bem distinta, mas as suas funções simbólicas eram paralelas.

Ao longo do tempo, as alminhas e os cruzeiros constituíram um património popular de grande relevância.

Executados por artífices regionais, integram-se nos modelos estéticos da arte e da iconografia populares. Marcos simbólicos, muitas vezes com pintura iconográfica, subsistem de forma simples ou mais elaborada sob alpendres, numa arquitetura cuidada, pensados e desenhados com mais preceito.

Por vezes a sua implantação surge em espaços onde outrora a passagem ou o acesso a determinados locais era difícil, ou existia um obstáculo natural para ultrapassar, como se verifica no topónimo do Senhor da Boa Passagem, alusão à passagem sob a Ribeira de Galegos.





## Fonte do Concelho

## Fonte da Devesa

## Fonte de Santo António

Desde pequenas fontes e fontanários construídos de forma simples e funcional, a chafarizes de arquitetura mais elaborada, a tanques para lavagem e a fontes de mergulho, estas estruturas procuraram ao longo de muito tempo, responder às necessidades de um bem essencial neste território: a água. Localizadas em pontos estratégicos das linhas de água, a principal função destas estruturas era o abastecimento de água às populações. Também serviam de apoio à agricultura, e era, em alguns destes locais, que os *“animais saceavam a sede”* durante as rotinas e o quotidiano agrícola.

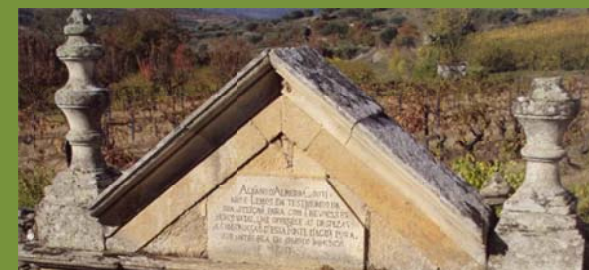
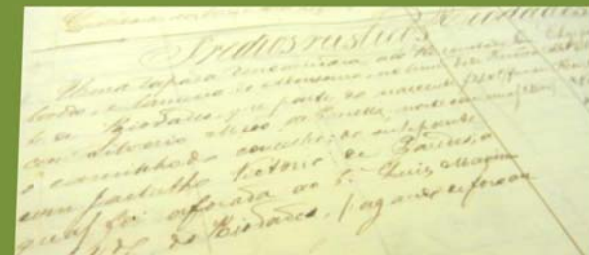
O território de Trevões possui diversas linhas de água provenientes da Serra de Sampaio, da qual resultaram diversas obras de aproveitamento dessa água. Foram realizadas diversas obras de construção de fontes, de arquitetura mais elaborada, ou de forma mais simples, que procuraram (e procuram) corresponder à sua função: aproveitamento da água.

Um desses exemplos é a Fonte do Concelho. Construída em 1851, este monumento de recorte arquitetónico, possui dois tanques de represamento da água, sob os quais emergem a frontaria e frontão com lápide alusiva

ao benemérito (Albano de Almeida Coutinho e Lemos) ao momento e circunstâncias da sua edificação. A adornar, dois florões decorados assentes em peanhas.

No Largo da Devesa, prevalece uma outra fonte: a Fonte da Devesa. De construção simples, e pequena escala, possui um pequeno tanque para represamento da água. Constituída por vários blocos em granito, está datada do ano de 1908, tendo esculpida no dorso, e de forma bem visível e evidenciadora, o brasão de Portugal do período da Monarquia.

No extremo sul de Trevões, junto à Capela de Santo António, e na periferia de antigo caminho para a Serra de Sampaio, subsiste a Fonte de Santo António. Este monumento enquadra-se na tipologia das fontes de mergulho, muito características nos meios rurais e agrícolas. No alçado principal, possui uma entrada em arco quebrado, que permite o acesso ao interior, onde é possível visualizar a linha de água e a morfologia arquitetónica do monumento, com sistema abobadado em granito que acompanha a fisionomia do arco quebrado. A atual designação estará relacionada com a iconografia de Santo António.







Referenciável

Pombal do Pinheiro

Pombal das Pereiras

Eiras do Pinheiro (I-II)

Casas das Eiras do Pinheiro (I-II)

Eira das Pereiras

Caminho carreteiro do Pinheiro

Lagar de azeite (vara e fuso) de tração animal

Moinhos da Ribeira de Galegos

A arquitetura vernacular é uma diversidade de património de utilização diária, e está frequentemente relacionado a práticas e costumes de um território. Pode, por vezes, ser abandonado por recordar vivências menos dignificadoras do passado, ou porque a sua funcionalidade está ultrapassada.

Este património subentendia um uso específico, em que a matéria-prima e a mão-de-obra utilizadas para estas construções, era muitas vezes de cariz local. Adapta-se com a natureza e características do local para o qual foi projetado, tem uma função produtiva e está relacionado com diversas atividades económicas.

Ao longo desta paisagem existem diversas construções com este carácter funcional, nomeadamente: moinhos, lagares de azeite, fornos para secagem de figos, eiras, pombais... e antigos caminhos que relembram travessias ao longo deste território. Na periferia do aglomerado populacional, subsistem alguns exemplares de pombais de planta circular ou em ferradura e com as saídas de voo dos pombos direcionadas para sul. Construídos em xisto e caiados de branco, possuem no seu interior pequenos nichos para a nidificação dos pombos. Para além do fornecimento de estrumes para as terras, eram um complemento alimentar para os seus proprietários.

Onde hoje subsiste a cultura da vinha, existiu no passado uma outra cultura que servia de complemento económico a estas populações: o cereal, nomeadamente o centeio. A cultura dos cereais pressupunha a existência de elementos arquitetónicos na paisagem: as eiras.

Nestes espaços, o cereal era malhado pela força humana, através do uso de *malhos* ou *manguais*, com a finalidade de separar o grão da palha, sendo posteriormente levado para os moinhos, onde o cereal era triturado, obtendo-se a farinha. Junto à eira, subsistia a casa da eira, que servia de apoio a esta estrutura.

Em 1758, surge-nos a referência a uma eira em Trevões e às suas consideráveis dimensões *“Tem esta villa huma notavel eira, chamada a da Deveza... e nesta eira podem trilhar os seus pães todos os moradores em hum mesmo dia”*.

Estes espaços possuem diferentes escalas e dimensões, podendo também variar a utilização da matéria-prima para a sua construção. O lajeado possui blocos de razoável dimensão, podendo ser em xisto, ou granito. Elementos que nos relembram a transformação (recente) agrária, social e económica desta paisagem.





Referenciável

Pombal do Pinheiro

Pombal das Pereiras

Eiras do Pinheiro (I-II)

Casas das Eiras do Pinheiro (I-II)

Eira das Pereiras

Caminho carreteiro do Pinheiro

Lagar de azeite (vara e fuso) de tração animal

Moinhos da Ribeira de Galegos

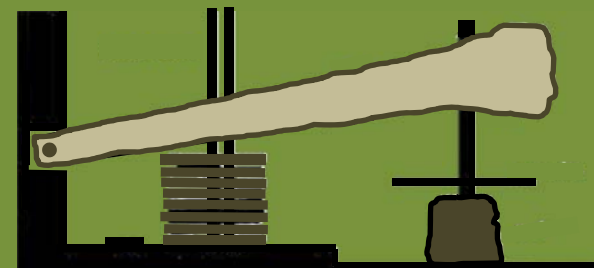
No território do Douro, a cultura da oliveira assume uma mais-valia económica para estas comunidades, que ao longo dos tempos foram construindo na paisagem diversos sistemas de implantação da oliveira, para além de várias estruturas para a extração do azeite, os lagares de azeite.

O modelo de lagar de azeite utilizado em Portugal até meados do século XIX, e em alguns casos ainda nos inícios do século XX, era o lagar de azeite de vara e fuso, com tração animal, iniciando-se posteriormente a introdução de sistemas mecânicos nestes espaços.

O local onde se processava a transformação da azeitona, o lagar de azeite, foi durante séculos, o espaço em que a principal força motriz utilizada era a força por tração animal para a trituração da azeitona, e a força humana para a prensagem da mesma (no sistema de vara e fuso) do qual era posteriormente obtido o azeite. No interior destes lagares de azeite, existia a área de armazenamento da azeitona, a tulha, o moinho composto pelo pio, cambão e mós, a área de prensagem com o sistema de vara e fuso, e finalmente o espaço de extração do azeite, conhecido pelo “tesouro”.

Localizada na vertente oeste da Serra de Sampaio, a Ribeira de Galegos percorre um vale encaixado, onde no passado se instalou e viveu uma comunidade de moleiros que construiu diversos moinhos, levadas e açudes, e que de certa forma transformaram, e aproveitaram a força motriz da água, para a constituição deste núcleo moageiro. A denominação Ribeira de Galegos, está associada a esta atividade económica, ao conjunto de moleiros que aqui residia com a sua família, e local para onde os “galegos”, expressão então muito utilizada, embora no sentido depreciativo, transportavam o cereal e trabalhavam durante horas junto aos seus moinhos.

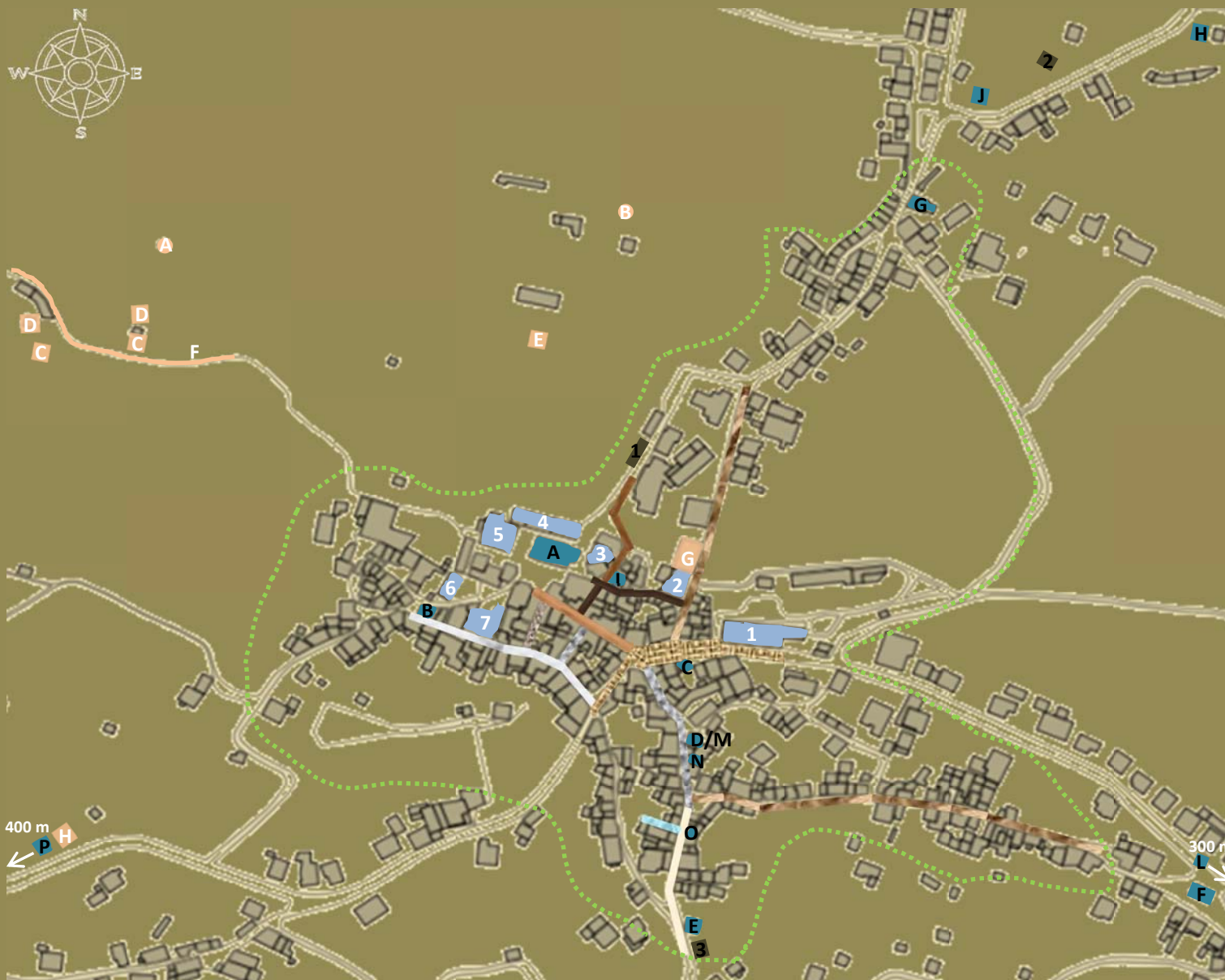
Ao longo do curso desta linha de água, subsistem diversos moinhos, entretanto descativados, até ao território de Paredes da Beira. O tempo de funcionamento destes moinhos era variável, dependendo do volume de água existente nesta ribeira, acontecendo por vezes a laboração contínua ao longo do ano “*nella estão os moinhos da villa que todo o anno moem*”. As unidades moageiras existentes, caracterizam-se por serem moinhos de rodizio (roda vertical), com admissão de água por cubo inclinado, onde subsiste a casa do moleiro, e em alguns casos o forno, lagar de vinho e a eira, para além do espaço de cultivo dos produtos hortícolas.







Referenciável



**A B** Pombais do Pinheiro e das Pereiras **C D** Eiras e Casas das Eiras do Pinheiro **E** Eira das Pereiras **F** Caminho do Pinheiro  
**G** Lagar de azeite (vara e fuso) de tração animal, dos Caiados **H** Moinhos de água (rodízio) da Ribeira de Galegos

|                               |                            |                              |                              |
|-------------------------------|----------------------------|------------------------------|------------------------------|
| Rua da Restauração            | Rua dos Gatos              | Rua Fonte do Concelho        | Rua Visconde de Trevões      |
| Rua do Notário                | Rua da Encarnação          | Rua da Albergaria            | Praça V. Ló Ferreira         |
| Rua de S. Domingos            | Rua de Santo António       | Quelha da Pia                | Rua da Chã                   |
| Solar dos Caiado Ferrão       | Solar do Dr. Caiado Ferrão | Solar dos Pintos             | Paço Episcopal               |
| Solar dos Coutinhos           | Casa M. Irene Fernandes    | Casa dos Seixas              |                              |
| Igreja de Santa Marinha       | Capela de Santa Bárbara    | Antiga Capela de Santo André | Antiga Capela de S. Domingos |
| Capela de Santo António       | Capela da Sra. da Graça    | Capela de S. Sebastião       | Capela da Sra. Piedade       |
| Alminhas da Rua dos Gatos     | Cruzeiro da Devesa         | Alminhas do Curtinho         | Alminhas de S. Domingos      |
| Alminhas da Rua Santo António | Senhor da Boa Passagem     |                              |                              |
| Fonte do Concelho             | Fonte da Devesa            | Fonte de Santo António       |                              |



Implantado na sub-região do Cima Corgo da Região Demarcada do Douro, o espaço agrícola de Trevões caracteriza-se, na sua vocação vitivinícola, por uma zona de transição, com planaltos a sul e o aparecimento de solos com afinidades graníticas e arenosas, e a norte por áreas de declives acentuados para o vale do rio Torto, com solos mais xistosos, maior amplitude térmica e baixa humidade.

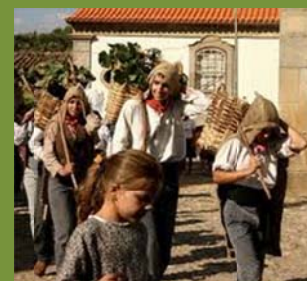
Se a sul o espaço vitivinícola tem um cariz de zonas e áreas de planalto, com algumas vinhas plantadas pelos tradicionais sistemas de compasso estreito, a norte, na área periférica do vale do rio Torto existem

zonas de plantação recente, em encosta, e mais mecanizadas. O espaço vitivinícola de Trevões tem esta mescla de solos e clima, que conjugados com a ação humana, proporcionam a obtenção de sabores e aromas de diversas tipologias, simbolizados numa variedade de vinhos. Para além do cooperativismo local, tem-se assistido recentemente ao aparecimento de marcas e empresas de vinho de pequena dimensão, que apostando neste setor, nomeadamente em vinhos DOC DOURO, procuram dar a conhecer um dos vários produtos aqui produzidos: o vinho.

Agregado ao vinho, ao território e ao Douro, surgiu recentemente o Programa das Aldeias Vinhateiras do Douro, que procura representar neste projeto, a identidade das comunidades do Douro, sendo que Trevões, é uma dessas comunidades escolhidas e inseridas neste projeto. Numa primeira fase, este projeto contemplou a recuperação do seu património, os espaços mais simbólicos, ao que se seguiu um outro de dinamização socioeconómica, procurando de seguida, criar dinâmicas locais ligadas ao empreendedorismo e animação turística, com a realização anual, por todas as seis comunidades envolvidas neste projeto no território Douro,

do Festival das Aldeias Vinhateiras. Em Trevões, este festival, realiza-se anualmente (consultar programação do evento). Espaço rural, em decréscimo populacional, em que o sector primário continua a assumir um papel importante no dinamismo local, *“este evento pretende promover o turismo, cativar as populações e atrair turistas e visitantes nacionais e estrangeiros. Tudo para oferecer novas experiências e dar a conhecer um património único, o que constitui uma oportunidade para dinamizar a oferta hoteleira, a restauração e o tecido empresarial de animação turística da região”*.

In [www.aldeiasvinhateiras.pt](http://www.aldeiasvinhateiras.pt)



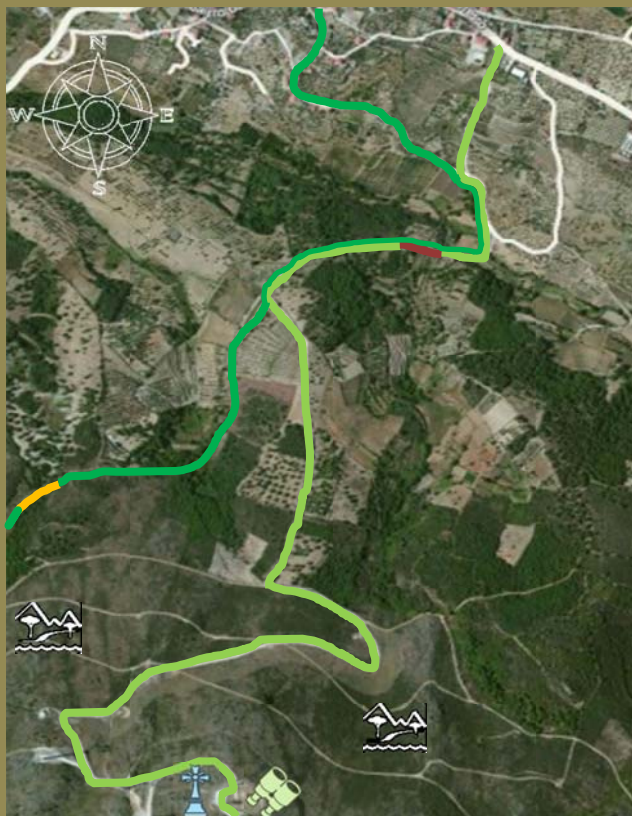




Percurso Pedestre GR 14  
Grande Rota dos Vinhos da Europa

Espaços Naturais e Zonas de Floresta

Miradouro de S. Paio



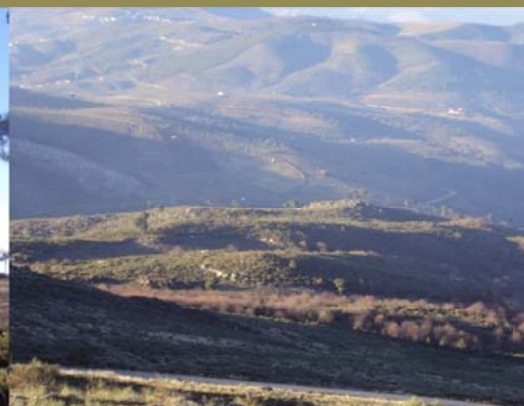
Troço do Percurso  
Pedestre do GR 14



Acesso ao miradouro  
da Serra de Sampaio

Troço de calçada  
histórica do Lugar da  
Relva

Troço de calçada  
histórica da Serra de  
Sampaio



Miradouro e Capela  
de S. Paio



Espaços naturais e  
florestais

## Ficha Técnica

Coleção: Percorrer e Conhecer...

Título: Percorrer e Conhecer... Trevões

Entidade Promotora: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira

Coordenação: Departamento de Ação Social e Cultural

Texto, Fotografia e Conteúdos: Departamento de Ação Social e Cultural (A.O.)

Fontes Iconográficas: Arquivo Municipal de S. João da Pesqueira

Reservados: Livro de Atas (1844/1845) e Livro do Tombo dos Bens do Concelho de Trevões (1802/1831)

Livro do Tombo Novo dos Bens do Concelho de S. João da Pesqueira (1866)

Memórias Paroquiais de Trevões (1758)

Créditos Fotográficos: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira (A.O.)

Programa das Aldeias Vinhateiras do Douro (pág. 18)

Agradecimentos: Associação Sócio Cultural de Trevões / Paróquia de Trevões

Edição: Câmara Municipal de S. João da Pesqueira

Fevereiro de 2015



Todos os direitos reservados







